



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o primeiro-ministro britânico, Gordon Brown

Palácio da Alvorada, 26 de março de 2009

Presidente: Bom dia. Bem, primeiro dizer para vocês da alegria de receber, pela primeira vez no Brasil o primeiro-ministro Gordon Brown. E dizer à imprensa britânica e à imprensa brasileira que o Gordon Brown, apesar de estar há pouco tempo como Primeiro-Ministro, ele tem sido um amigo do Brasil e do meu governo há muito tempo.

Eu me recordo sempre que nos momentos mais difíceis, quando tomei posse, em 2003, Gordon Brown, como Ministro da Economia britânica, sempre foi um parceiro para ajudar o Brasil naqueles momentos difíceis e de incertezas, sobretudo ajudando o Brasil a conquistar mais credibilidade internacional. Por isso, além de estar recebendo no meu país, pela primeira vez, um primeiro-ministro, estou recebendo um amigo. Vocês estão percebendo, eu comi um pão de queijo e o pão de queijo veio se manifestar exatamente agora, na hora da entrevista.

Então, é a primeira visita do Primeiro-Ministro ao Brasil, e eu quero dizer que estou recebendo, além do Primeiro-Ministro, um grande amigo e um grande companheiro. Nós vamos ter muitos encontros este mês. Além deste encontro aqui, sábado estaremos juntos em Viña Del Mar, no Chile, para o encontro da Governança Progressista, e no dia 2 estaremos juntos, reunidos, no G-20.

A alegria de receber o Primeiro-Ministro Gordon Brown no Brasil, neste momento de crises e de incertezas, é muito importante porque o Gordon Brown é um homem que, além de ser um político, é um homem que entende muito de economia. E tanto ele como eu, e outros líderes, sabemos que o momento



exige decisões políticas profundas, muitas vezes mais fortes do que as decisões econômicas que nós formos tomar.

Eu disse na ONU, no ano passado, que essa crise exige muito mais decisões políticas do que decisões econômicas. Nós precisamos recuperar a confiabilidade e a credibilidade da humanidade nos seus governantes. Somente recuperando essa credibilidade é que nós poderemos reativar o comércio e o consumo nos nossos países. E também poderemos incentivar o fluxo comercial do mundo inteiro.

Recuperando a confiança da sociedade, nós vamos recuperar a confiança dos investidores que querem produzir novos produtos, fazer novos investimentos e construir novas fábricas. E para que a gente recupere a credibilidade, nós não temos o direito de permitir que essa crise tenha uma longa durabilidade como teve a crise japonesa nos anos 90.

Nós estamos determinados a fazer com que o sistema financeiro mundial passe por uma regulação. Não é possível que em uma sociedade democrática, onde os seres humanos sejam cada vez mais vigiados – certamente cada um de vocês, ao entrar em um shopping, está sendo filmado; ao entrar em um aeroporto, está sendo filmado; às vezes, vão passear com as mulheres ou com os maridos em alguns lugares, estão sendo vigiados; quem entra em um hotel, em qualquer parte do mundo é vigiado – não é possível que só o sistema financeiro não seja vigiado e que não tenha uma fiscalização. Porque somente assim é que nós poderemos reeducar o sistema financeiro mundial a estar ligado umbilicalmente ao setor produtivo. Ou seja, nós não podemos permitir que a especulação com títulos, muitas vezes com preços determinados pelo mercado, fora da realidade, como aconteceu com o *subprime*, volte a acontecer em qualquer país do mundo. É preciso que o sistema financeiro se reeduque para trabalhar junto com o setor produtivo, e não se transformar num cassino, querendo ganhar dinheiro sem produzir um benefício, um emprego ou um produto.



Por outro lado, nós temos consciência de que é preciso fortalecer as instituições multilaterais de financiamento. Eu me lembro, meu amigo Gordon Brown, que há pouco tempo, em qualquer debate que fazíamos no Brasil, era habitual os especialistas dizerem que existiam trilhões e trilhões de dólares atravessando os oceanos, voando pelo espaço aéreo dos nossos países e, de repente, esses trilhões e trilhões de dólares desapareceram.

Depois que nós recuperarmos a credibilidade, nós precisamos recuperar o fluxo de investimento e o fluxo de financiamento da balança comercial entre os países. Se não fizermos isso urgentemente, nós corremos o risco, sobretudo nos países desenvolvidos, onde as pessoas já tinham conquistado a cidadania, as pessoas já tinham moradia, as pessoas já tinham aprendido a comer três vezes ao dia, as pessoas já estavam acostumando a comer carne, certamente a classe média empobrecida poderá criar, como aconteceu recentemente na França, manifestações que começam como um simples protesto político, depois uma grande greve e, depois, uma convulsão social que não se sabe quando vai parar.

Resolver o problema da crise é resolver o problema da imigração. Porque nós também não temos o direito de permitir que sejam os pobres, que viajam o mundo à procura de uma oportunidade, de um emprego, de um salário, de uma renda, que sejam os primeiros a pagarem as contas de uma crise feita pelos ricos, sobretudo por nenhum negro, por nenhum índio e por nenhum pobre. É uma crise causada, fomentada, por comportamentos irracionais de gente branca, de olhos azuis, que antes da crise parecia que sabia tudo e que agora demonstram não saber nada.

Nós temos agora a oportunidade de fazer com que o Estado volte a ser o Estado. Nós não defendemos um Estado administrador, nós não defendemos um Estado dono da economia, nós queremos apenas um Estado que seja o articulador e o indutor das coisas que acontecem dentro de cada país.

O Gordon Brown se lembra muito bem – e eu sou muito agradecido por



muitos conselhos que ele me deu em 2003, 2004 – de quantas vezes o Estado foi negado. Aqui no Brasil, Gordon, aqui no Brasil, costumava-se dizer que o Estado não valia nada, o Estado só atrapalha, se não existisse o governo, se não existisse Estado, tudo seria melhor. Certamente no Reino Unido você também ouviu muito isso, nos Estados Unidos se ouve muito isso e, quando acontece a crise, aqueles que pareciam deuses da sabedoria, em que o mercado podia tudo, procuram o Estado que não podia nada, para que o Estado possa salvar e resolver os desmandos que eles causaram.

Essa reunião que vamos fazer no G-20, em Londres no dia 2, é uma reunião histórica. Histórica porque dela o povo do mundo espera muito. Se nós cometermos o erro de fazermos dessa reunião em Londres, mais uma reunião para marcarmos outra reunião, nós poderemos cair no descrédito e essa crise poderá se afundar.

Vocês vejam que essa crise é como se fosse uma febre em qualquer um de nós aqui. Bastou o Obama dar um bom sinal, todas as bolsas subiram. Um assessor deu um mau sinal, todas as bolsas caíram. Se a reunião de Londres não der um bom sinal de que nós vamos, definitivamente, começar a resolver o problema da regulação, o problema de financiamento, o problema de voltar a fazer o crédito no mundo, certamente, nós passaremos para a humanidade toda uma fraqueza dos líderes políticos que não pode existir.

Portanto, eu quero passar a palavra ao nosso querido visitante, dizendo a ele que é o momento da política, é o momento de grandes decisões políticas. Esperamos que os nossos técnicos nos ajudem a tomar essas decisões políticas. Mas essa Rodada de Doha, é uma rodada em que eu estou jogando muita esperança e muita expectativa.

É assim, meu caro amigo, que eu vou a Londres e espero voltar de lá podendo dizer ao povo brasileiro que nós tomamos as decisões que o povo esperava que nós tomássemos.

Cada um tem que cuidar do seu país. Agora, não é possível a volta do



protecionismo. Não é possível. Porque eu comecei na minha vida política há 30 anos, ouvindo falar em globalização, ouvindo falar em livre mercado, ouvindo falar em livre comércio. Quando nós estávamos gostando disso, não venham agora, os que falavam que o livre comércio era bom, dizer que ele não pode mais.

E para isso a Rodada de Doha é uma peça fundamental. Não poderia ter sinal melhor para o mundo, do que no G-20 ou, em uma outra reunião próxima, que a gente concluísse a Rodada de Doha para deixar ao mundo muito claro que o livre comércio é uma conquista da humanidade e que a gente não pode abrir mão dela em torno de uma crise.

Se a gente não fizer isso, e deixar que o protecionismo ganhe destaque... Eu comparo o protecionismo a uma droga. Por que alguém usa droga? Porque deve estar em crise, e acha que os efeitos da droga poderão lhe facilitar a vida em um curto prazo. Mas os efeitos serão muito rápidos. Depois vem a depressão.

No nosso caso, se a gente não agir corretamente, além da depressão, virá a recessão, virá mais desemprego, virá mais instabilidade, e aí nós não temos previsibilidade do que pode acontecer no mundo se nós não agirmos com responsabilidade.

Eu acho que a conversa que tivemos com o primeiro-ministro, foi extremamente produtiva. Acho que nós temos condições de fazer um acordo. Obviamente, que estamos conversando nós dois, outros vinte estarão nos encontrando dia 2 e, não sabemos a cabeça de cada um. Eu só espero que tenhamos capacidade de fazermos o que precisa ser feito no Brasil, no Reino Unido e no mundo inteiro, para que o mundo volte à normalidade e à tranquilidade.

Palavras do primeiro-ministro Gordon Brown: _____



Jornalista: O presidente Lula há pouco disse que a crise foi criada por pessoas de pele clara e olhos azuis. Eu pergunto: será que isso não demonstra que existe uma batalha ideológica, uma batalha de idéias em andamento, em vez de um consenso global que possa ser fomentado ou criado por viagens ou périplos globais e com reuniões de cúpula?

Ao Primeiro-Ministro, eu diria que foi anunciado que a polícia investigará se os serviços de segurança britânicos participaram ou foram cúmplices da tortura de **(incompreensível)**. O senhor ficou chocado ao ver essa notícia, senhor Primeiro-Ministro? O senhor entende que outras alegações poderão aparecer daqui para a frente?

Presidente Lula: Não existe nenhum viés ideológico. Existe a constatação de um fato. Um fato que as fotografias dos jornais mostram todos os dias, que a televisão mostra todos os dias. E acompanhando os índices econômicos, de desenvolvimento e desemprego, o que nós percebemos é que mais uma vez grande parte dos pobres do mundo, que ainda não estavam sequer participando do desenvolvimento causado pela globalização, são as primeiras vítimas. Eu acompanho pela imprensa e vejo, isto sim, o preconceito que se estabelece contra os imigrantes, nos países mais desenvolvidos. Aqui no Brasil, ao contrário, nós tomamos a decisão de regulamentar a permanência aqui de milhares de bolivianos. Não podemos jogar nas costas das pessoas de outros países, que vêm aqui ajudar o nosso país, a responsabilidade por uma crise que foi causada por poucos. O Brasil, há muito tempo, vem tendo responsabilidade na regulação do nosso sistema financeiro. Aqui no Brasil, um banco só pode alavancar até dez vezes o seu patrimônio líquido. No caso da crise, tinha bancos alavancando até 35 vezes o seu patrimônio líquido. Como eu não conheço nenhum banqueiro negro ou índio, eu só posso dizer que [não é possível que] essa parte da humanidade, que é a mais, eu diria, vítima do mundo, pague por uma crise. Não é possível.



Uma coisa que me impressionou, meu amigo Gordon Brown, foi a fotografia da posse do presidente Obama. Vocês devem ter acompanhado as imagens da televisão. Nunca uma posse de um presidente norte-americano [teve] a quantidade de população negra que teve a posse do Obama, e a quantidade de pessoas pobres que estavam lá. Pois bem, essas pessoas não fizeram nada para acontecer essa crise, e vão ser as primeiras vítimas dessa crise.

Eu penso que o grande cuidado que o Gordon Brown, eu, e os outros líderes têm que ter é que nós não temos o direito de deixar que os pobres fiquem mais pobres. É deles que nós precisamos cuidar com muito mais carinho, é para eles que nós precisamos fazer as políticas. Uma outra parte da sociedade pode suportar uma crise por meses, até anos, mas os mais pobres não conseguem por um mês. Essa é a nossa responsabilidade.

Eu acho que nós temos que ter coragem de dizer isso, porque assim a gente vai ganhando mais força para regular o sistema financeiro e, sobretudo, mexer nos paraísos fiscais. Não pensem que será uma luta fácil, não pensem. Até porque quem tem dinheiro nos paraísos fiscais não são os pobres de quem eu estou falando, são outros. Eu conheço o pensamento do primeiro-ministro Gordon Brown e sei que nós vamos ter um duro enfrentamento no G-20 para conseguirmos mexer nos paraísos fiscais. Se fossem apenas as Ilhas Caymã, não teria problema. Mas tem países importantes, como a Suíça, que nunca foi chamada de paraíso fiscal, mas todo mundo sabe que tem muita semelhança. De qualquer forma, nós, os governantes, estamos diante de um gostoso desafio: provarmos se somos capazes de fazer valer a confiança que os nossos povos depositaram em nós.

Palavras do primeiro-ministro Gordon Brown: _____

Jornalista: Bom dia, senhor Primeiro-Ministro. A minha pergunta foi formulada



em comum acordo com todos os meus colegas brasileiros. Primeiro, eu gostaria de ouvir a opinião dos senhores sobre duas questões que são novas, anunciadas nesta semana, e que poderão ter um impacto bastante forte nas discussões do G-20, na semana que vem. A primeira é: qual é a posição dos senhores a respeito da proposta da China, de criação de uma moeda global, em substituição ao dólar?

A segunda pergunta é a opinião dos senhores sobre o pacote recém-anunciado pelo presidente Obama, que prevê o aporte de US\$ 1 trilhão para a compra de ativos tóxicos. Há um senso comum de que essa proposta lançada agora teria o objetivo de tentar convencer os países europeus a seguirem nessa mesma linha e a deixarem um pouco de lado a questão da nova regulação do sistema financeiro. Obrigada.

Presidente: Aqui, no caso do Brasil, quando nós aprovamos a nossa negociação com a Argentina, na moeda argentina e na moeda brasileira, é porque nós achamos que é preciso dar passos para não ficarmos subordinados à moeda de um outro país.

Nós achamos que é possível, no médio prazo, a gente estar estabelecendo os nossos acordos comerciais com a moeda de vários países. Necessariamente não temos que estar vinculados ao dólar para fazer esse nosso comércio. Isso já é um exemplo de que é possível.

Eu não conheço a fundo a proposta da China. Tenho uma reunião bilateral com o presidente Hu Jintao, em Londres. Ele estará junto conosco na reunião, certamente ele fará a proposta dele e, em função da proposta dele, nós iremos discutir.

A princípio, eu acho que todos os países emergentes podem ser favoráveis à nova moeda. Certamente os Estados Unidos vão se colocar contra porque o dólar é americano, e ele virou a moeda de referência no mundo inteiro. Eu acho que essa discussão agora, em função da crise, é uma



discussão válida, é pertinente, e eu acho que nós deveremos discutir esse assunto. Afinal de contas, o mundo não precisa ficar subordinado a uma única moeda, nós poderíamos ter outras moedas que pudessem servir de paradigma para as relações entre os países.

Na época das crises da América Latina, falava-se muito na criação de uma cesta de moedas, ou seja, tinha dezenas de opções de moedas. Você pode ter instrumentos como esse, para que você possa não ficar dependendo de uma moeda. O que facilita a vida de um país? É que quando nós estabelecemos uma política com a Argentina em pesos e em reais, um pequeno empresário argentino não tem que ir à procura de dólar, ele compra na própria moeda dele, e um pequeno empresário brasileiro não precisa ir à procura de dólar, ele compra na moeda dele. E facilita a vida de todo mundo.

A segunda pergunta, só para...

Jornalista: A respeito do pacote lançado pelo governo americano, que prevê o aporte de US\$ 1 trilhão para a compra dos ativos considerados tóxicos, invendáveis. E como isso foi lançado, segundo alguns analistas, com o intuito também de tirar do centro das conversas, em Londres, no G-20, a questão da regulação dos mercados financeiros.

Presidente: Eu não gostaria de dar palpite sobre a política soberana de um governante para o seu país. Se o Obama tomou essa atitude achando que isso era bom para os Estados Unidos, ótimo, espero que dê certo.

Eu acho que a gente não pode ficar gastando o dinheiro que nos resta comprando títulos podres que, no mundo moderno, ficaram chamados de “títulos tóxicos”. Aqui, no Brasil, como nós tivemos mais crises, nós conhecemos como “títulos podres”. Eu acho que se a compra desses títulos significasse que esse US\$ 1 trilhão iria voltar para o comércio e financiar o comércio externo e interno, seria ótimo. Não sei se vai vir.



Então, eu penso que o que os Estados que estão com problema no sistema financeiro deveriam fazer era colocar esses títulos podres em um arquivo, transformá-los aos poucos em peças de museu, se tiverem que colocar recursos novos, colocarem, reativarem rapidamente o comércio interno, porque nós precisamos conquistar a credibilidade interna e a credibilidade externa, e fazer fluir o fluxo comercial dos países, que é o que está precisando. Neste momento, é isso que nós estamos precisando.

Como eu não conheço a fundo, e vamos estar lado a lado com o presidente Obama na reunião de Londres, é bem possível que ele explique corretamente o que está acontecendo e o que vai acontecer, porque o problema dessa crise é que as medidas que estão sendo tomadas para colocarem dinheiro no sistema financeiro, que teve crise, não estão permitindo a retomada do desenvolvimento na rapidez que nós precisamos. Esse é um dilema.

Nós temos que lembrar sempre que a crise japonesa durou 10 anos, exatamente porque não se cuidou como se deveria cuidar, do sistema financeiro. Agora, cada país tem um problema, cada país tem uma cultura, cada país tem um jeito de agir. Isso nós respeitamos, isso nós respeitamos e achamos que essa diferença entre nós poderá ser a razão da construção do Consenso, não mais de Washington, mas o Consenso de Londres, para que a gente possa encontrar uma saída para essa crise.

O primeiro momento e o primeiro problema que nós temos é fazer voltar a fluir o crédito. Essa é a nossa primeira obrigação, fazer voltar a fluir o crédito. E até agora as medidas tomadas não ajudaram no crédito. E o que é grave, eu dizia ao Primeiro-Ministro Gordon Brown, o que é muito grave é que em um país como o Brasil, que tem um sistema financeiro mais sólido, que tem 50% do crédito público, ainda assim o *spread* bancário subiu demais.

A verdade é essa: o Reino Unido, o Brasil, a Argentina, a Venezuela, os Estados Unidos, a Alemanha, a China, sem crédito, a economia vai atrofiar.



Esse é o desafio que está colocado para nós. Então, eu espero que as medidas que o presidente Obama tomou não sejam contra ninguém, não sejam contra nenhuma idéia do G-20. Que sejam para resolver um problema que ele está sentindo, e que só ele conhece por dentro o que está acontecendo. Mas eu posso dizer para vocês que seria tão bom para o mundo se o crédito americano voltasse a fluir, se o mercado interno voltasse a funcionar, ajudaria muito outros países do mundo que precisam vender e comprar dos Estados Unidos.

Palavras do primeiro-ministro Gordon Brown:_____

Mediador: Terceira pergunta, (incompreensível)?

Presidente Lula: Só um minutinho, Villanova. Eu estou com a impressão de que os companheiros britânicos estão com muita pressa, por causa do horário deles. É preciso ver isso, porque os jornalistas vão ter que sair um pouco na frente, eu vou ter que segurar o Gordon Brown aqui um pouco, para a assessoria chegar ao avião, e ele chegar junto. Agora, vamos fazer mais uma pergunta, e depois a gente encerra?

Jornalista: (em inglês)

Palavras do primeiro-ministro Gordon Brown:_____

Jornalista: Bom dia, Primeiro-Ministro. Bom dia, presidente Lula. Obrigada pela quarta pergunta, pela concessão. Eu gostaria de saber exatamente o que foi discutido aqui em Brasília, já que quando o Primeiro-Ministro disse, anunciou que viria a Brasília, inclusive disse que discutiria especificamente a questão da proteção econômica. Eu gostaria de saber exatamente o que



mudou, e daqui que idéia sai, justamente para se discutir em Doha e, depois, posteriormente, se levar ao G-20, já que na última reunião que houve em Washington, o acordo que se tinha é de que não fosse criada nenhuma nova proteção econômica, e o que se viu não foi isso.

Presidente Lula: O que nós discutirmos aqui eu falei na introdução, e o Primeiro-Ministro falou na introdução que ele fez. Obviamente que quando um primeiro-ministro sai para visitar países e fazer consultas... o primeiro-ministro Gordon Brown deve ter ouvido várias pessoas que pensam diferente do que eu penso. Os ministros da Fazenda vão se reunir, já se reuniram os do G-20, vão se reunir os Brics. Nós estamos construindo alguma coisa que poderá resultar em um produto final no dia 20. Se tudo já estivesse pronto, não precisaria a reunião do G-20, a gente resolveria por e-mail, por telefone, e estaria maravilhosamente bem. Eu espero que a reunião do G-20 tenha um pouco de debate, porque nós somos sempre muito gentis uns com os outros, nós tratamos todo mundo muito bem, nós não brigamos com ninguém, mas essa reunião tem que ter um pouco de calor, porque o debate vai ser político. Além das coisas técnicas que nós temos que fazer, colocar crédito, reativar as finanças do FMI, do Banco Mundial, tudo isso nós vamos ter que discutir. Isso é o que já existe, mais ou menos, de consenso. Agora, como fazer fluir o crédito mais rapidamente, como evitar o protecionismo, é que nós precisamos brigar muito. Porque a tese protecionista é o seguinte: a pessoa acha que se fechando internamente está resolvido o seu problema. Pelo contrário, em balança comercial todo mundo gostaria de vender mais e comprar menos, ou seja, todo mundo gostaria de ter superávit comercial. Não é possível, tem que ter superávit com um, déficit com outro, e assim é a vida.

Então, esses são temas polêmicos que não é possível... que o Gordon Brown e eu estejamos acordados aqui e vamos levar para o G-20. A única coisa que eu posso te dizer é que nós temos muita afinidade com a política e



as propostas do Gordon Brown. Eu tenho uma visão do sistema financeiro, eu diria, um pouco mais rígida, porque eu dou como exemplo o Brasil, não dou como exemplo outros países, eu dou como exemplo o sistema financeiro brasileiro, que é possível construir uma coisa mais sólida, uma coisa em que o Estado tenha um mínimo de ingerência.

De qualquer forma, você quer saber de uma coisa? Eu vou para Londres com muito otimismo, porque eu acho que está todo mundo se dando conta do tamanho do problema.

Palavras do Primeiro-Ministro Gordon Brown: _____

(\$31FGJLMP)